

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia
Período de Análise: 01/06/2012 a 30/06/2012**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico Biodiesel Br
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT

AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

Biodiesel

Biocombustível pode ser a chance para híbridos a diesel – Folha de São Paulo, Veículos. 24/06/2012.....	4
Vale inicia projeto de biodiesel – Folha de São Paulo, Mercado. 26/06/2012	5

Etanol

Diversificação da cana-de-açúcar traz boas perspectivas para o setor no país. Vasco Dias. Folha de São Paulo. 01/06/2012.....	5
Etanol recua com safra, mas preços seguem altos. Fabiana Batista – Valor Econômico. 04/06/2012.....	6
Raízen prevê vender mais etanol aos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 08/06/2012.....	7
Usinas atingem moagem plena só em 2014/15 - Valor Econômico. 08/06/2012.....	8
Protocolo prevê fim da queima da cana até 2017 – Folha de São Paulo, Ribeirão. 11/06/2012.....	8
Região lidera em multas por queimadas. Wolfgang Pistori – Folha de São Paulo, Ribeirão. 11/06/2012	9
Usinas investem para preservar a fauna. Araripe Castilho – Folha de São Paulo, Mercado. 13/06/2012.....	10
Greve atinge mais uma usina e pode se alastrar - Folha de São Paulo, Ribeirão. 14/06/2012.....	11
Raízen estuda investir até US\$ 480 milhões para irrigar canaviais. Fabiana Batista – Valor Econômico. 14/06/2012	11
Novo round na briga entre Cabrera e ADM – Valor Econômico. 14/06/2012	12
ETH Bioenergia acelera expansão agrícola. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 19/06/2012.....	13
Açúcar e etanol 'somem' das exportações. Leandro Martins – Folha de São Paulo, Especial. 19/06/2012	14
Usina Paraíso, de SP, tem perda de R\$ 15,3 milhões. Fabiana Batista – Valor Econômico. 20/06/2012.....	16
Fontes alternativas exigem mais apoio – Valor Econômico. 21/06/2012.....	16
Clima e fator humano influenciam o mercado de açúcar. Plínio Nastari – Folha de São Paulo, Mercado. 22/06/2012.....	18
Mais um ciclo de incertezas para as usinas do Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico. 26/06/2012.....	19
Em greve há 14 dias, usina deixa de moer 100 mil toneladas de cana. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Ribeirão. 27/06/2012.....	20

Setor sucroalcooleiro do Brasil avança em sustentabilidade. Vasco Dias – Folha de São Paulo, Mercado. 29/06/2012.....	21
CMN aprovou crédito adicional de R\$ 14,8 bilhões. Cristiane Bonfanti e Júnia Gama – O Globo. 29/06/2012.....	22
Canaviais terão mais recursos, prevê Rabobank. Dow Jones Newswires – Valor Econômico. 29/06/2012.....	23

POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

Biodiesel

O falso verde. Miriam Leitão - O Globo. 10/06/2012.....	24
Petrobras diz que faltam bons projetos em biocombustíveis. Lucas Vetorazzo, Sabine Rigueti, Isabel Fleck e Denise Menchen – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2012.....	25

Etanol

Sobra crédito do BNDES para usinas. Fabiana Batista – Valor Econômico (Capa). 05/06/2012.....	26
Sobram recursos em linha para canaviais. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/06/2012.....	26
<i>"O programa foi lançado em janeiro, mas levou tempo para ser adequado às necessidades do setor", diz Cavalcanti</i>	26
Governo certifica usinas de cana por melhorar suas práticas trabalhistas – Valor Econômico. 12/06/2012.....	27
Açúcar e etanol 'somem' das exportações. Leandro Martins – Folha de São Paulo, Especial. 19/06/2012	28

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Onda do etanol começa a arrefecer nos Estados Unidos. Mark Peters – Valor Econômico.14/06/2012.....	30
---	----

AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

Biodiesel

Biocombustível pode ser a chance para híbridos a diesel – Folha de São Paulo, Veículos. 24/06/2012

Desenvolvedor de combustíveis 'verdes', Brasil deveria priorizar seu consumo, defende grupo francês PSA

Os recursos naturais presentes no Brasil o colocam em uma posição central nas discussões sobre o uso de fontes de energia renováveis.

É coerente, portanto, que o país sirva de plataforma de pesquisa para o desenvolvimento dos chamados combustíveis "verdes", como o etanol e o biodiesel. O que, nem sempre, quer dizer que o brasileiro possa usufruir desse desenvolvimento.

O etanol sofre com a constante variação de preço da cana-de-açúcar, sua matéria-prima, que o torna menos vantajoso que a gasolina em certos períodos. Já a legislação não prevê a venda de carros de passeio a biodiesel.

O combustível, composto de diesel tradicional e de óleos provenientes de fontes renováveis, como a soja e a mamona, é justamente o foco da pesquisa que a PSA (Peugeot e Citroën) realiza no país.

A ideia é utilizar o combustível para mover os híbridos da fabricante, disponíveis inicialmente só na Europa.

"Utilizar biodiesel ajudaria a diminuir ainda mais as emissões desse tipo de veículo, considerado 'limpo'", defende Franck Turkovics, gerente de motores da PSA.

O executivo também lidera uma pesquisa que avalia o uso de um biodiesel derivado da cana-de-açúcar.

Esse projeto deve consumir R\$ 1,5 milhão até 2013. E, por mais que os carros a diesel não circulem no país, ele acredita que pode ser a chance de o Brasil se tornar um grande exportador de biodiesel.

DESAFIOS

Uma das dificuldades do desenvolvimento do biodiesel é encontrar uma fórmula para o combustível, já que, de acordo com a sua composição, suas características mudam drasticamente.

"Um motor a diesel convencional pode funcionar com o B30 [30% de biodiesel] apenas com alguns ajustes. Já com um óleo inteiramente natural [B100] precisaríamos avaliar quais adaptações mecânicas precisariam ser feitas" explica Turkovics.

Segundo a PSA, um carro híbrido quando utiliza biodiesel a base de cana-de-açúcar emite, por quilômetro rodado, 75g de gás carbônico, quase 30% menos que um carro 1.0 flex abastecido com etanol no mesmo percurso.

O resultado dessa pesquisa foi apresentado paralelamente à Rio+20. Dois carros híbridos do grupo, um Peugeot 3008 Hybrid4 e um Citroën DS5 Hybrid4, estavam à disposição para test drive.

ECONÔMICO

A reportagem avaliou ambos. O motor elétrico, se utilizado sozinho, tem baixa autonomia. São cerca de quatro quilômetros até a carga das baterias se esgotarem.

"A ideia não é fazer o carro ser utilizado como um elétrico, e sim que o motor elétrico auxilie o propulsor a combustão nos momentos mais críticos", explica o engenheiro David Calmels.

O resultado prático disso era visto no consumo. Tanto o 3008 quanto o DS5 apresentaram médias próximas de 17 km/l de biodiesel em um percurso que, em sua maior parte, teve trânsito pesado. (RL)

Vale inicia projeto de biodiesel – Folha de São Paulo, Mercado. 26/06/2012

A Vale inaugura hoje em Moju, no Pará (a 265 km de Belém), a primeira usina para transformar óleo de palma em biodiesel na Amazônia. A maior produtora de minério de ferro do mundo investirá US\$ 500 milhões no projeto para abastecer a sua frota no país. Uma segunda unidade será aberta em 2015.

Etanol

Diversificação da cana-de-açúcar traz boas perspectivas para o setor no país. Vasco Dias. Folha de São Paulo. 01/06/2012

No Brasil, o etanol já é sinônimo de biocombustível. O que muita gente não sabe é que os produtos derivados da cana-de-açúcar podem ser utilizados de várias outras formas, dando origem à geração de energia elétrica, a plásticos recicláveis e a outras soluções para substituir combustíveis fósseis.

A geração de energia elétrica a partir da queima do bagaço e da palha da cana, por exemplo, já responde por 4,7% da matriz energética brasileira.

O etanol também é aproveitado pela indústria química como matéria-prima para a fabricação de produtos de limpeza, farmacêuticos e tintas, assim como o açúcar é utilizado como matéria-prima para a fabricação de produtos nas indústrias alimentícia e farmacêutica.

O "plástico verde" é outro exemplo dessa diversificação. Para criar o produto de origem vegetal 100% renovável, o etanol da cana é desidratado e submetido a um processo industrial para se transformar em etileno, que é, então, polimerizado.

Suas características e propriedades idênticas às do produto de origem fóssil permitem a mesma utilização do plástico comum.

O fato de cada tonelada produzida do "plástico verde" sequestrar até 2,5 toneladas de dióxido de carbono do ar, por meio da absorção feita pela cana-de-açúcar, conquistou as empresas engajadas em questões socioambientais.

Isso só foi possível graças aos investimentos em pesquisa e em tecnologia de ponta no Brasil, tanto para o aproveitamento total da cana para a energia como para a ampliação considerável da gama de aplicações do etanol.

Todas essas iniciativas possibilitam a consolidação da indústria alcoolquímica, dando novas perspectivas ao setor sucroalcooleiro.

De acordo com dados da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), o mercado de etanol para as indústrias químicas e farmacêuticas movimentada, no país, volume superior a 1,2 bilhão de litros por ano.

Acredita-se que esse montante possa dobrar ou até triplicar na próxima década.

O cenário otimista tem levado diversas empresas do setor a rever suas estratégias de negócio, de modo a ampliar a participação nesse mercado.

O setor tem potencial para aumentar a produtividade da cana-de-açúcar e do etanol. No entanto, é necessário investir.

No médio e longo prazos, a tecnologia permitirá que o etanol continue dando origem a novos produtos.

Uma das alternativas é o caso do etanol de segunda geração, que aproveita a folha e o bagaço da cana para a produção de bicomcombustível, além do diesel da cana, que possui vantagens técnicas e ambientais em relação ao diesel derivado de petróleo.

É o futuro do setor que começa a se desenhar.

VASCO DIAS é presidente da Raízen, joint venture entre Shell e Cosan

Etanol recua com safra, mas preços seguem altos. Fabiana Batista – Valor Econômico. 04/06/2012

Pressionados pela entrada de volumes mais elevados de etanol da nova safra de cana, os preços do biocombustível voltaram a recuar de forma mais sistemática na última semana. O indicador Cepea/Esalq para o hidratado ficou em R\$ 1,0962 o litro entre 28 de maio e 1º de junho, queda de 1,14% em relação à semana anterior. O indicador do anidro, que é misturado à gasolina, recuou no período 1,01%, a R\$ 1,3277 o litro, segundo Cepea/Esalq.

Apesar da queda de sexta-feira, os preços do hidratado ainda estão 8,3% mais altos do que há um ano, segundo o indicador do Cepea. Isso porque, dizem especialistas, a oferta da safra nova demorou mais a chegar, por causa do atraso no início da moagem em abril e a ocorrência de chuvas no período, o que prejudicou os trabalhos de colheita da cana-de-açúcar.

A previsão é que o Centro-Sul produza na safra 2012/13, recém-iniciada, 21,48 bilhões de litros, entre anidro e hidratado, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), 4,58% mais do que no ciclo anterior.

Espera-se também que, neste ano, a volatilidade dos preços do etanol seja bem parecida com a do ano passado, ou seja, relativamente baixa. O cenário pode mudar se a produção do biocombustível aumentar, diante dos preços desestimulantes do açúcar.

Raízen prevê vender mais etanol aos EUA. Fabiana Batista – Valor Econômico. 08/06/2012

A Raízen Trading LLP, subsidiária da Raízen (joint venture entre Cosan e Shell) na área de comercialização de etanol, tem até o momento contratos fechados para exportar 500 milhões de litros de etanol para os Estados Unidos, o mesmo volume embarcado em todo o ano passado, segundo o vice-presidente da Logística, Distribuição e Trading, Leonardo Gadotti Filho.

A previsão do executivo é que, em 2012, a empresa exporte ao mercado americano 20% a 30% mais do que no ano passado. "O dólar está ajudando a tornar o negócio mais atrativo", comentou.

A empresa quer também repetir neste ano a operação de 'swap' de etanol com os Estados Unidos. A operação consiste em importar o produto americano (de milho) a preços mais baixos - e vendê-lo no mercado brasileiro por valor mais atrativo - e exportar volume semelhante do etanol de cana do Brasil aos Estados Unidos por preços mais altos. O etanol brasileiro recebe no mercado americano um prêmio por ser considerado um combustível avançado (emite menos gases de efeito estufa que os combustíveis fósseis) pela Agência de Proteção Ambiental Americana (EPA, na sigla em inglês).

Gadotti diz que a expectativa é que o etanol de milho dos Estados Unidos fique competitivo para ser importado pelo Brasil no segundo semestre deste ano. "É o período pós-verão, quando o consumo de etanol se desaquece nos Estados Unidos e os preços caem por lá. Nesse mesmo momento, as cotações começam a subir no Brasil, por causa da proximidade da entressafra", explica o executivo.

Ele avalia que essa operação independe da oferta de etanol no mercado interno, que pode ser maior que a prevista este ano caso as usinas brasileiras reduzam a produção de açúcar e aumentem a de etanol. "Não há impacto na oferta interna, pois levamos etanol brasileiro e trazemos o americano. É uma troca de volumes", explica.

A área de trading de etanol da Raízen surgiu com a própria empresa, criada a partir de uma joint venture entre a maior indústria sucroalcooleira do país, a Cosan, e uma das principais distribuidoras de combustíveis do mundo, a anglo-holandesa Shell.

O primeiro passo, conta Gadotti, foi comprar a trading Vertical, de capital nacional, que já tinha escritórios em Genebra (Suíça) e em Houston (EUA). Foram abertos ainda unidades comerciais na Bélgica e em Cingapura. A empresa, explica ele, tem grande expectativa de crescer em álcool para uso químico na China. "Há projetos importantes sendo gestados no país asiático para produção de plástico verde", antecipa Gadotti.

O tamanho dessa "boca", como diz o próprio executivo, ainda é difícil de estimar. "Mas, a princípio, entre 500 milhões e 1 bilhão de litros", arrisca. Além de China, Filipinas e Tailândia também são mercados potenciais na Ásia.

Em todo o ano passado, a Raízen Trading movimentou entre 6,5 bilhões e 7 bilhões de litros de etanol entre operações nos mercados interno e externo - o equivalente a 30% do movimentado por todo o mercado. Esse volume considera a produção da própria Raízen (1,9 bilhão de litros) e a de terceiros. A expectativa para 2012 é que os volumes permaneçam estáveis. "Será um ano muito parecido com o passado", diz Leonardo Gadotti Filho.

Usinas atingem moagem plena só em 2014/15 - Valor Econômico. 08/06/2012

Maior produtora de açúcar e etanol do país, a Raízen avalia que apenas na safra 2014/15 conseguirá atingir uma moagem de 64 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, o que significará preencher toda a capacidade industrial de suas 24 usinas. O vice-presidente de Açúcar e Etanol da empresa, Pedro Mizutani, diz que a meta poderia ser alcançada antes se o clima neste ano não tivesse sido tão ruim. "O plano inicial era chegar à plena capacidade em 2013/14, mas, agora, conseguiremos em 2014/15", explica o executivo.

Pelo segundo ano consecutivo, a empresa vem renovando seus canaviais (cana própria) a uma taxa média superior a 20%. "Mas o clima é muito importante e representa de 15% a 20% da produtividade da cana", pondera o executivo, lembrando dos últimos três anos consecutivos de clima desfavorável para a cultura.

Na safra 2011/12, a Raízen processou 53 milhões de toneladas de cana, 2,4% abaixo do realizado no 2010/11. Para o próximo ciclo, a previsão divulgada no último balanço da companhia é de uma moagem entre 52 milhões e 55 milhões de toneladas.

No fim do ano passado, a Raízen revisou suas metas de crescimento para os próximos cinco anos. A previsão inicial, de moer 100 milhões de toneladas de cana até o ciclo 2015/16, foi reduzida para 80 milhões de toneladas, devido às incertezas nas políticas públicas para o etanol no Brasil.

Protocolo prevê fim da queima da cana até 2017 – Folha de São Paulo, Ribeirão. 11/06/2012

A queima dos canaviais para colheita será integralmente banida no Estado de São Paulo a partir de 2017, como resultado do Protocolo Agroambiental assinado há cinco anos.

De acordo com o documento, até 2014 o fogo não poderá mais ser utilizado em áreas mecanizáveis, ou seja, onde a colheita por máquina é possível.

Nas demais áreas, como naquelas onde há declives que não permitem a operação das máquinas, as queimadas vão até 2017.

Segundo levantamento da safra 2011/2012, a colheita mecanizada da cana no Estado de São Paulo atingiu 65,2% de toda a área plantada no período.

Região lidera em multas por queimadas. Wolfgang Pistori – Folha de São Paulo, Ribeirão. 11/06/2012

De 523 autuações registradas no ano passado em todo o Estado, 281 -ou 53,7%- ocorreram no nordeste paulista. Dos 10 mil hectares atingidos por incêndios irregulares em São Paulo, 60% eram de áreas com canaviais

A região nordeste de São Paulo, onde está Ribeirão Preto, foi a responsável por pouco mais da metade das autuações aplicadas por queimadas irregulares no Estado no ano passado.

Das 523 autuações registradas em todo o território paulista, 53,7% são da região.

Já no caso dos valores das multas por queimadas irregulares, a participação da região é ainda maior: 75% do total -ou R\$ 16,1 milhões de um montante de R\$ 21,4 milhões.

Os dados são da Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Na divisão feita pela pasta, a região inclui também parte do norte paulista, como São José do Rio Preto.

Os números servem de alerta para o período de inverno que se aproxima, época do ano em que a umidade do ar atinge níveis bem mais baixos e o clima fica propício aos focos de incêndio.

Ao todo, foram queimados irregularmente 10 mil hectares em áreas paulistas.

O levantamento se divide entre queimadas em áreas com plantio de cana-de-açúcar e em locais onde há outras culturas ou vegetações.

As queimadas irregulares em canaviais são a maioria, representando 60% do total.

Apesar disso, o montante das multas referentes aos incêndios nos canaviais é menor.

Uma das razões é que a multa é de R\$ 1.000 por hectare de cana queimado ilegalmente, ante R\$ 5.000 nas demais áreas atingidas.

"A multa [em canavial] é menor por que a queima já está dentro da cultura da cana", diz o tenente-coronel da PM Milton Sussumu Nomura, responsável pelo policiamento ambiental no Estado.

O presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), Antônio de Pádua Rodrigues, afirma que cada autuação envolvendo área canavieira precisa ser avaliada de forma individual.

"Há pendências judiciais, alguns casos ainda podem ser revertidos e não significam erros de procedimento. Mas quando fica comprovada a falha, o responsável tem que ser punido", afirmou.

Queimadas irregulares nos canaviais ocorrem, por exemplo, quando o fogo é colocado em horários proibidos ou em áreas não autorizadas.

EXPLORAÇÃO

Segundo o coronel do Corpo de Bombeiros Reginaldo Campos Repulho, responsável pelo monitoramento de incêndios no interior do Estado, uma ação conjunta entre empresas, usinas, bombeiros, polícia e governo vem sendo preparada desde 2011.

O período entre maio e outubro é considerado crítico, segundo Repulho. No inverno, a seca é intensa, o que favorece as queimadas.

Para o coronel Nomura, os casos ocorrem mais em locais onde há exploração do homem. "É fácil cravar que o litoral tem menos pontos de incêndio, pois a atividade agrícola lá é quase nula."

Apesar do volume elevado de queimadas, o coordenador da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Ricardo Viegas, diz que as empresas, principalmente, estão mais conscientes sobre cuidados para se evitar os incêndios.

Os números comprovam melhora. Em 2010, foram 17 mil hectares queimados e R\$ 37,4 milhões em multas.

Usinas investem para preservar a fauna. Araripe Castilho – Folha de São Paulo, Mercado. 13/06/2012

Com menos queimadas e preservação de matas e rios, animais em risco de extinção reaparecem em canaviais de SP. Segundo a Unica, só as usinas controladas por ETH, São Martinho Balbo e Guarani investem R\$ 8 milhões

No chão, uma porção de comida é isca na armadilha estrategicamente posicionada. Uma onça-parda, animal ameaçado de extinção, aproxima-se silenciosamente.

O clarão na noite é o sinal de que o felino foi capturado.

Não por caçadores embrenhados na mata, mas pelas lentes de uma câmera fotográfica e um flash disparados por sensores de movimento, no meio de um canavial da região de Ribeirão Preto (313 km de São Paulo).

Como a onça-parda, outros animais silvestres e em risco de extinção têm reaparecido em áreas canavieiras do interior paulista nos últimos anos devido à redução das queimadas e à preservação de matas e cursos d'água. É o caso também de lobos-guarás.

O ressurgimento já faz as usinas do setor -historicamente questionado pela devastação do ambiente- terem de investir na área.

Segundo a Unica (União da Indústria da Cana-de-Açúcar), só as usinas controladas pelos grupos São Martinho, ETH, Guarani e Balbo investiram R\$ 8 milhões na preservação da fauna.

Até 2009, ano usado para a conta da Unica, os três primeiros grupos não gastavam um real sequer. Só a ETH, dona de nove usinas, investiu no ano passado R\$ 1 milhão em projetos ambientais que incluem o monitoramento da fauna nos canaviais.

MAIS BICHOS 'NOVOS'

Um estudo de dez anos da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) constatou crescimento de 37% no número de espécies em canaviais do Grupo Balbo, que há 20 anos não queima a área onde produz cana orgânica.

"Em 2002, quando começamos a estudar o local, fizemos um levantamento minucioso da fauna existente na área e registramos cerca de 240 espécies diferentes. Hoje, são quase 330", afirma José Roberto Miranda, pesquisador em agroecologia e biodiversidade da Embrapa.

De todas as espécies que circulam atualmente nos 8.000 hectares de cana orgânica pesquisados, perto de 15% estão ameaçadas de extinção em São Paulo, segundo lista da Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Os registros da Embrapa se referem só a vertebrados (anfíbios, répteis, aves e mamíferos) e são arquivados quase sempre em fotos e vídeos.

"Estão aí, eles [os animais] estão reaparecendo no ambiente", diz Miranda ao exibir as imagens arquivadas em seu computador

Greve atinge mais uma usina e pode se alastrar - Folha de São Paulo, Ribeirão. 14/06/2012

A greve de motoristas, tratoristas e operadores de máquinas de usinas já atinge duas empresas na região e pode se espalhar. Além de 300 trabalhadores da São Francisco, em Sertãozinho, paralisados desde anteontem, mil funcionários da Guarani, em Olímpia, cruzaram os braços ontem -ao fim da tarde, porém, aceitaram nova proposta e encerraram a greve.

Raízen estuda investir até US\$ 480 milhões para irrigar canaviais. Fabiana Batista – Valor Econômico. 14/06/2012

Diante de intempéries que se repetem há pelo menos três safras consecutivas em suas áreas de cana, a Raízen, maior empresa sucroalcooleira do país, estuda implantar sistemas de irrigação nos canaviais de seis usinas localizadas no Estado de São Paulo, segundo o vice-presidente de Açúcar e Etanol da empresa, Pedro Mizutani. Se o projeto vingar, abrangerá 160 mil hectares, entre plantio próprio e de fornecedores, o que seria a maior área de cana irrigada do Brasil.

Se for comprovada a viabilidade da irrigação, os investimentos no projeto podem atingir US\$ 480 milhões - US\$ 3 mil por hectare -, que serão divididos pela empresa e seus fornecedores. Se aprovada, a implementação total nas seis usinas demandará cinco anos.

Mizutani explica que a necessidade da empresa - joint venture entre a Cosan e a Shell - de analisar a viabilidade econômica da irrigação em cana se deu após sucessivos anos de perdas de produtividade nos canaviais de algumas regiões paulistas. "O histórico mostra que a cada dez anos chove em apenas dois deles de forma regular em Araçatuba [SP]", menciona o executivo.

Não por coincidência, cinco das "usinas-alvo" estão nessa região. A outra está no município de Igarapava, no norte do Estado. Um projeto piloto de irrigação já começou a ser desenvolvido, de acordo com o executivo, e a unidade escolhida foi a usina Gaza, de Andradina, também na região de Araçatuba.

Atualmente, a única planta do grupo cujo canavial utiliza irrigação é a de Jataí (GO), onde o padrão climático é de inexistência de chuvas nos meses entre maio e outubro, quando a cana-de-açúcar também precisa de água para se desenvolver. "O resultado em Goiás vem sendo positivo. No ano passado, por exemplo, a produtividade dos canaviais de Jataí foi de 90 toneladas de cana por hectare, enquanto que, em Araçatuba, esse desempenho foi de apenas 70 toneladas por hectare", diz Mizutani.

A expectativa da companhia é que os testes indiquem um aumento de produtividade para 100 toneladas por hectare para a região de Araçatuba a partir do uso de sistemas de irrigação. A companhia quer ter essa resposta e, então, bater o martelo sobre o projeto até o fim deste ano.

Araçatuba é uma região tradicional em pecuária e foi ocupada de forma mais intensiva com cana-de-açúcar nos anos 1990. Mizutani explica que, desde que a empresa se instalou na região, em 2000, vem registrando resultados frustrantes. "Além de a terra ser mais fraca, o preço do etanol é mais baixo, pois há desconto maior de frete, uma vez que a distância de Araçatuba aos centros consumidores é maior do que a partir de outras regiões paulistas", afirma.

No ano passado, por exemplo, quando houve uma forte redução de produtividade nos canaviais do Centro-Sul, a quebra foi de 4% nas usinas de Piracicaba (SP) e de 22% nas unidades da Raízen de Araçatuba (SP).

Uma das grandes incertezas do setor nos últimos três anos, avalia Mizutani, foi o impacto da quebra de produtividade no custo de produção. Na última safra, a 2011/12, o custo médio de fabricação de açúcar na Raízen subiu 5,44%, para R\$ 523,8 toneladas, e o do etanol, cresceu 21%, para R\$ 783,9 mil por m³.

A produtividade menor dos canaviais também elevou os custos de arrendamento da terra de R\$ 10,4 por tonelada de cana colhida na safra 2010/11 para R\$ 17 por tonelada no ciclo 2011/12. "Descontada a produtividade agrícola menor, o aumento foi para cerca de R\$ 12 por tonelada de cana", avalia.

A Raízen prevê processar no atual ciclo 2012/13 entre 52 milhões e 55 milhões de toneladas de cana. No ciclo anterior, o 2011/12, a moagem atingiu 53 milhões.

Novo round na briga entre Cabrera e ADM – Valor Econômico. 14/06/2012

O ex-ministro Antônio Cabrera abriu um novo processo de arbitragem na Câmara de Comércio Brasil Canadá (CCBC) contra a multinacional americana Archer Daniel Midland (ADM), sua ex-sócia em uma usina de etanol em Limeira do Oeste (MG), por considerar que a empresa feriu uma cláusula contratual de exclusividade ao tentar negociar a compra de uma usina vizinha, do Grupo Andrade, sem comunicá-lo. A múlti desistiu da aquisição, e, segundo fontes do mercado, pagou por isso multa de R\$ 20 milhões ao Grupo Andrade.

Procurados, o ex-ministro e a ADM não comentaram o assunto. Mas em depoimento durante uma das sessões da primeira arbitragem aberta contra ADM por Cabrera, o representante da empresa afirmou que negociou a aquisição da usina Andrade e que houve "um pagamento" pela não concretização do negócio, conforme transcrição da sessão de arbitragem obtida pelo Valor. O representante reconheceu que o ex-ministro não foi informado da negociação com o Grupo Andrade na época. O Grupo Andrade também preferiu não se pronunciar.

Cabrera já move outra arbitragem na mesma câmara de comércio contra a ADM, com quem se associou em 2008 em um projeto que previa a construção de plantas em Limeira do Oeste (MG) e em Jataí (GO), com capacidade conjunta de moagem de 6 milhões de toneladas de cana por safra. A empreitada demandaria investimentos de US\$

520 milhões. Uma terceira unidade, em Tarumã (SP), também estava no radar, com aportes calculados em US\$ 290 milhões.

Quatro anos depois, contudo, apenas a unidade de Limeira do Oeste saiu do papel, ainda assim com capacidade para 1,5 milhão de toneladas e moagem efetiva de apenas 415 mil toneladas na última temporada (2011/12). Essa indefinição sobre a continuidade do projeto é que motivou Cabrera, em abril do ano passado, a se desligar da empresa e abrir uma arbitragem para definir o valor a ser pago por sua participação, de 51% no negócio. Cabrera pede um valor de US\$ 135 por tonelada de cana e, agora, nessa segunda arbitragem, mais uma multa de 20% sobre este valor por quebra da cláusula contratual de exclusividade.

Em abril deste ano, o Valor informou que a ADM havia contratado o Bank of America Merrill Lynch (BofA) para assessorá-la na venda da unidade de Limeira do Oeste. A usina ainda não foi vendida, e também não iniciou até o momento a moagem de cana desta safra 2012/13. Por meio de sua assessoria, a ADM informou que a previsão é iniciar o processamento na unidade nesta semana.

ETH Bioenergia acelera expansão agrícola. Tatiana Freitas – Folha de São Paulo, Mercado. 19/06/2012

Empresa do grupo Odebrecht investirá R\$ 1 bi neste ano; do total, 60% vão para o plantio de cana, diz presidente. Do total processado pela companhia, 80% já vêm de canaviais próprios; média do setor é de 30%

Com 43% de sua capacidade industrial ociosa, a ETH Bioenergia, empresa do grupo Odebrecht, vai acelerar o plantio de cana para abastecer suas nove usinas no país.

Depois de plantar 100 mil hectares na safra 2011/12, a ETH cultivará mais 115 mil hectares na atual -quase metade da área total de cana já mantida pela empresa, de 300 mil hectares.

"Vamos investir R\$ 1 bilhão neste ano, dos quais R\$ 600 milhões serão somente na área agrícola", afirmou Luiz de Mendonça, presidente da ETH, em entrevista à Folha.

O plantio ocorre nas proximidades dos polos industriais da companhia, em São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O executivo, que saiu da Braskem, a petroquímica do grupo, para assumir a ETH no início deste ano, diz que a empresa precisará de mais três anos de plantio para obter toda a cana de que precisa.

A empresa tem capacidade para moer 35 milhões de toneladas de cana, mas moerá somente 20 milhões na atual safra, mesmo com o crescimento de 54% no volume em relação à anterior.

Segundo Mendonça, em dois anos a capacidade industrial crescerá para 40 milhões de toneladas, o que possibilitará à ETH produzir 3 bilhões de litros de etanol.

"Mas, para isso, precisamos de 560 mil hectares de cana", afirma o presidente.

Toda a colheita será mecanizada, prática que contribuiu para a ETH receber, na semana passada, o selo "empresa compromissada" com a gestão de pessoas, desenvolvido pelo governo federal.

CANA PRÓPRIA

Do total de cana processado hoje pela ETH, 80% vêm de canaviais próprios, percentual bem acima da média do setor, estimado em cerca de 30% pela Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

Criada em 2007, a ETH se desenvolveu em um cenário adverso para a cultura. Nos últimos anos, a baixa remuneração desestimulou os agricultores a plantar cana, e a baixa oferta da matéria-prima obrigou a ETH a se dedicar à área agrícola mais do que o planejado.

"Pensávamos em ter uma porcentagem maior de cana de terceiros. Estamos com 80% de cana própria e acho que vamos continuar com esse percentual para garantir maior planejamento e produtividade", disse Mendonça.

INTERNACIONALIZAÇÃO

Apesar de focar a expansão agrícola no Brasil nos próximos anos, a ETH dá os primeiros passos no exterior.

A empresa assumiu neste ano a implantação do projeto Biocom (Companhia de Bioenergia de Angola), joint venture entre a Odebrecht, a estatal angolana Sonangol e o grupo privado local Damer.

Com inauguração prevista para 2013, a Biocom será a primeira usina de açúcar de Angola, com capacidade para processar 2 milhões de toneladas de cana por ano.

Mendonça indica que novos projetos fora do país podem surgir no longo prazo.

"Até pela presença internacional do grupo, temos sido convidados a analisar várias oportunidades na América Latina e na África", diz o executivo, citando países como México, Colômbia e Peru.

Açúcar e etanol 'somem' das exportações. Leandro Martins – Folha de São Paulo, Especial. 19/06/2012

Polo do setor sucroalcooleiro, Ribeirão não fatura mais com a venda dos produtos para o exterior e não tem mais usinas. Apesar disso, boom de entrada de capital estrangeiro foi mais positivo do que negativo para a cidade

Reconhecida informalmente como capital da principal região sucroalcooleira do país, Ribeirão Preto já não tem mais nenhuma usina de açúcar e etanol no município.

A última remanescente foi a Galo Bravo, que deixou de operar em maio do ano passado depois de uma história recente marcada por polêmicas e dificuldades.

O que os dados da balança comercial de Ribeirão também revelam é que os dois principais produtos que saem das usinas, o açúcar e o álcool, também já não aparecem na pauta das exportações do município.

Números do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior mostram que, em 2011, açúcar e álcool não apareceram na lista dos 40 principais produtos exportados por Ribeirão.

Cinco anos antes, em 2006, os dois produtos, somados, haviam rendido à cidade US\$ 228,5 milhões em vendas para outros países.

Mais do que o simbolismo, já que a cidade se intitula "capital do agronegócio", o fim das usinas em Ribeirão Preto e também o sumiço dos produtos da pauta de exportações estão estreitamente ligados às mudanças que o setor, de forma geral, enfrentou nos últimos anos.

O fechamento da Galo Bravo, por exemplo, foi o último capítulo de uma novela que se agravou com a crise de 2008, que levou à lona usinas com problemas financeiros.

Antes do fim, a Galo Bravo já tinha sofrido paradas na produção e até passado por uma troca turbulenta de comando, quando foi assumida pelo empresário Ricardo Mansur, das extintas redes Mappin e Mesbla.

Por outro lado, foi a mesma crise de 2008 que acelerou o processo de internacionalização do setor, com a entrada de companhias de capital estrangeiro que assumiram o controle de usinas.

Nomes como Louis Dreyfus Commodities, Bunge, Tereos e Cargill, entre outros, fortes em vários segmentos agrícolas, tornaram-se comuns também no sucroalcooleiro.

Passados quatro anos desse boom de entrada de capital estrangeiro, especialistas da área afirmam que os resultados foram mais positivos do que negativos para a economia local.

Marcos Fava Neves, docente titular de estratégia da FEA-RP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), da USP, e coordenador do Markestrat, diz que a entrada de capital se refletiu diretamente na economia local, com a injeção de dinheiro que movimentou desde a construção civil a novos negócios e empreendimentos comerciais.

O ponto negativo, segundo ele, é que a internacionalização também fechou postos de trabalho. Escritórios administrativos de empresas foram transferidos para São Paulo ou outras cidades.

ENTRA E SAI

Figura ativa no processo de internacionalização do setor, o empresário Maurilio Biagi Filho afirmou que a troca no comando de usinas não causou reflexos ruins para a economia regional. "Os empregos [nas usinas] continuaram, tudo aconteceu sem que a economia sentisse."

Em 2009, o grupo Moema, presidido por Biagi, vendeu suas seis usinas à Bunge.

Em sua avaliação, diante da situação de crise atual, com queda na oferta de cana e prejuízos, os grupos estrangeiros estão conseguindo suportar mais facilmente a situação, com capital externo.

Por outro lado, quando tudo se estabilizar, a tendência é que o lucro das usinas de capital estrangeiro siga o caminho contrário, rumo ao exterior. "É a regra do jogo."

Usina Paraíso, de SP, tem perda de R\$ 15,3 milhões. Fabiana Batista – Valor Econômico. 20/06/2012

A usina paulista Paraíso Bioenergia - que tem como acionista, com 32% de participação, o fundo de private equity FIP Terra Viva, administrado pela DGF Investimentos - registrou na safra 2011/12, encerrada em 31 de março, um prejuízo de R\$ 15,3 milhões, ante o resultado também negativo registrado no ciclo anterior (R\$ 4,6 milhões).

A usina, localizada em Brotas (SP), sofreu com a quebra de safra e com a desvalorização cambial, que incidiu sobre seu endividamento em dólar.

A unidade tem capacidade industrial para moer 3 milhões de toneladas de cana-de-açúcar por safra e esperava processar 1,9 milhão de toneladas. No entanto, por causa de problemas climáticos, realizou a moagem de 1,7 milhão de toneladas. "A redução do nosso canal foi de 15%, mas conseguimos amenizá-la porque compramos mais matéria-prima de vizinhos", explica Dario Costa Gaeta, presidente-executivo da Paraíso.

As despesas financeiras e cambiais líquidas na safra 2011/12 também foram negativas em R\$ 28,6 milhões, ante o resultado também negativo de R\$ 11,6 milhões do ciclo anterior. O destaque ficou para a variação cambial líquida no período, que resultou em um prejuízo de R\$ 9,39 milhões, ante um lucro de R\$ 6,3 milhões na safra 2010/11. "Do total de R\$ 200 milhões de endividamento líquido, 50% a 60% eram em dólar em março de 2011", explica.

A receita operacional na safra foi de R\$ 235,7 milhões, 23% superior aos R\$ 191 milhões do ano-safra anterior. Para o ciclo recém-iniciado (2012/13), a usina prevê moer 2 milhões de toneladas.

Fontes alternativas exigem mais apoio – Valor Econômico. 21/06/2012

Nebojsa Nakicenovic, professor do International Institute for Applied Systems Analysis, da Áustria: "A revolução energética é um desafio factível"

O professor Nebojsa Nakicenovic, do International Institute for Applied Systems Analysis, da Áustria, defendeu no fórum Humanidade 2012, evento paralelo à Rio+20, a necessidade de uma revolução para a transição para uma energia sustentável que reduza as emissões de gases do efeito estufa. Para financiar essa mudança, ele sugere que os recursos dados de subsídio de combustíveis fósseis sejam destinados ao desenvolvimento de energias alternativas, principalmente etanol e biomassa.

"A revolução energética é um desafio factível", disse Nebojsa à plateia que lotou o Espaço das Humanidades, no Forte de Copacabana, zona sul do Rio, no seminário Energias Renováveis para o Desenvolvimento Sustentável. Segundo ele, seriam necessários US\$ 500 bilhões para financiar a guinada para a energia renovável - exatamente o montante gasto atualmente em subsídios ao petróleo e ao carvão.

Além de aumentar a capacidade energética renovável seria preciso garantir a sustentabilidade das fontes de energia com a universalização do acesso a ela. "Cerca de US\$ 1,2 trilhão está sendo investido em todo o mundo em energia, mas apenas 9% desses recursos são destinados a garantir o acesso das pessoas às fontes energéticas.

Metade da população mundial hoje está excluída dos benefícios da energia elétrica", afirmou o professor.

O consumo mundial de biocombustíveis pode chegar até o fim desta década a 270 bilhões de litros. Atualmente, a produção está em 110 bilhões de litros, segundo estimativas da União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica). A previsão da entidade é de que o etanol continuará líder do setor com 69% do mercado - o equivalente a 187 bilhões de litros. No Brasil, se for revertida a tendência atual de estagnação do setor, a produção poderá chegar a 66 bilhões de litros até 2020.

Num cenário de expansão, apresentado no painel Biocombustíveis pelo pesquisador Isaías Macedo, da Universidade de Campinas (Unicamp), com uma política de preços competitivos do álcool em relação à gasolina, crescimento da área plantada de cana-de-açúcar e construção de 120 novas usinas, a produção de etanol poderá representar uma redução de 84 bilhões de metros cúbicos de CO² nas emissões brasileiras.

"Isso corresponde a algo em torno de 140% a 180% de toda a meta de redução de emissões propostas para biocombustíveis no compromisso brasileiro na Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 15), realizada em 2009, em Copenhague", disse Isaías Macedo, da Unicamp.

"O aumento da população e da renda em todo o mundo, que vai elevar a demanda por transportes e triplicar a circulação de automóveis até 2030, é uma perspectiva assustadora, deixa a gente um pouco deprimido, mas temos um portfólio de biocombustíveis que permitirá reduzir as emissões de gases do efeito estufa", afirmou o professor Andree Faaij, da Universidade de Utrecht, na Holanda.

O veículo elétrico seria, segundo o professor, uma alternativa chave para enfrentar o problema das emissões, mas enfrenta dificuldades: não serviria para o transporte coletivo ou de cargas e se tornaria fonte de maior poluição se o carregamento das baterias depender de eletricidade a partir do carvão. Além disso, ainda é uma tecnologia muito cara. Já a biomassa enfrentaria dificuldades num cenário de desafios para a alimentação de uma população mundial que poderá chegar a 9 bilhões nas próximas duas décadas.

"O etanol de cana-de-açúcar é a alternativa mais viável para se tornar a fonte energética dominante no futuro, além de a mais barata", afirmou Faaij. "O etanol brasileiro é competitivo, mas é preciso aumentar a produtividade e promover melhorias de gestão para evitar a derrubada de florestas pela lavoura de cana-de-açúcar."

Especialistas estrangeiros e brasileiros reunidos no Espaço das Humanidades do Forte de Copacabana também destacaram a importância de outras fontes de energias renováveis no processo de desenvolvimento sustentável. Não faltaram manifestações em defesa da capacidade de mitigação dos impactos ambientais das energias hidrelétrica, eólica e solar - ainda que nenhuma delas dispense cuidados para manter-se em padrões aceitáveis de sustentabilidade.

"É importante desenvolver o uso sustentável da biomassa para mitigar os preços dos alimentos", defendeu Thomas Amon, professor da Universidade de Recursos Naturais e Ciência da Vida (Boku), da Áustria, um dos palestrantes do painel sobre Biogás.

Só no Brasil, o Programa da Agricultura de Baixo Carbono do Ministério do Desenvolvimento Agrário estabeleceu como meta a transformação de 4,4 milhões de metros cúbicos de resíduos da suinocultura e de outras atividades pecuárias em biogás até o ano de 2020. O objetivo é deixar de lançar 6,9 milhões de toneladas de CO2 equivalente na atmosfera. A estimativa mundial é de que o biogás pode evitar o lançamento de 45 bilhões de toneladas por ano.

"Todos os estados membros da ONU incentivam a produção de biomassa, que tem um uso energético potencial muito grande no Brasil", disse Thomas Amon, da Universidade Boku.

Clima e fator humano influenciam o mercado de açúcar. Plínio Nastari – Folha de São Paulo, Mercado. 22/06/2012

Até o dia 15 deste mês, a área plantada com cana-de-açúcar na Índia alcançou 5,18 milhões de hectares, novo recorde e ligeiramente superior ao anterior, atingido em 2006/7, de 5,16 milhões de hectares.

Em condições normais, essa área deveria gerar produção também recorde de açúcar. No entanto, até agora as chuvas de monções têm estado entre 44% e 53% abaixo da média histórica nas principais regiões canavieiras. Mas ainda há tempo para a recuperação dos canaviais.

O endividamento da indústria e o atraso nos pagamentos da cana aos fornecedores também podem causar outro entrave, uma vez que o agricultor, contrariado, pode diminuir o volume de cana que vai para a indústria, direcionando-a para a produção de açúcares artesanais, denominados no mercado local como "jaggery", ou "ghur", e "khandasar", que são tipos diferentes de rapadura.

Enquanto na Índia predomina a habitual incerteza sobre qual volume poderá ser produzido na safra que vai começar em outubro, a produção de açúcar da Austrália está em recuperação, podendo crescer até 18% em relação ao ano anterior, gerando excedente exportável de 3,35 milhões de toneladas, ante 3 milhões em 2011/12.

Na região centro-sul do Brasil, as chuvas de inverno têm atrapalhado o ritmo normal de moagem, abrindo a perspectiva de que ocorra queda no volume de açúcares extraídos da cana.

De outro lado, essas chuvas melhoraram em muito o estado do canavial nesta safra, fragilizado por sucessivas secas e por atrasos na sua renovação.

Também têm permitido um bom desempenho na rebrota das soqueiras, que constituem a maior parte do volume a ser processado no ano que vem, diferentemente dos dois anos anteriores, quando faltou umidade, e os canaviais enfrentaram dificuldades para se desenvolver.

Não se espera para este ano a repetição dos episódios de florescimento e geada observados no ano passado.

Chuvas acima do normal na região centro-sul devem levar a uma aceleração do ritmo de moagem quando retomado, o que levará boa parte do volume adicional gerado de cana-de-açúcar para a fabricação de etanol.

Essa tendência vai se alinhar bem com o objetivo fixado pelo governo, de aumentar a produção de etanol.

Na região Nordeste, o problema é inverso, pois a produção começa a sofrer os efeitos da estiagem observada nas principais regiões canavieiras.

Além do imponderável causado pelo clima, o fator humano também tem sido motivo de incertezas.

Ameaças de greve e algumas paralisações parciais na mão de obra do porto de Santos, o maior em exportação de açúcar no mundo, têm contribuído para manter o mercado em alerta.

Mais um ciclo de incertezas para as usinas do Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico. 26/06/2012

Fábio Venturelli, presidente da São Martinho: lucro caiu 11% na safra 2011/12, "mas foi o segundo maior da história"

Se a última safra de cana no Centro-Sul do país, a 2011/12, encerrada em 31 de março, mostrou-se desafiadora para as empresas do segmento em virtude da quebra da produção e das margens apertadas diante da redução dos volumes de açúcar e etanol disponíveis para comercialização, o cenário para o ciclo 2012/13 também aponta para dificuldades.

É verdade que a tendência é de aumento da oferta canavieira; mas, em contrapartida, os preços de seus subprodutos estão menos atraentes e apresentam viés de baixa, o que exerce particular pressão sobre as companhias sucroalcooleiras com ações negociadas na BM&FBovespa - Raízen Energia (Cosan), Guarani (Tereos Internacional) e São Martinho.

O grupo São Martinho, considerado um dos que têm melhor desempenho operacional no mercado, anunciou ontem que obteve nos 12 meses da safra 2011/12 um lucro 11% menor, de R\$ 126,6 milhões.

"Tivemos uma queda de 12% no volume de cana moída e de 20% na quantidade de açúcar na cana", disse Fábio Venturelli, presidente da companhia. Ainda assim, afirmou ele, "foi o segundo maior lucro da nossa história". No quarto trimestre do exercício que terminou em março, houve prejuízo de R\$ 4,898 milhões.

As margens operacionais da São Martinho caíram nove pontos percentuais, de 47,3% em 2010/11 para 38,8% em 2011/12. Na mesma comparação, as margens da Raízen Energia recuaram de 33,4% para 30,8%, enquanto as da Guarani encolheram de 21,9% para 20%.

Para 2012/13, as três empresas abertas projetam aumento da moagem de cana depois de investimentos expressivos na parte agrícola de suas operações, mas as chuvas desde início de safra têm prejudicado a qualidade da cana.

"As unidades estão perdendo dias de safra. Quem não tiver boa capacidade industrial de moagem poderá ser obrigado a deixar cana 'bisada' [de um ano para outro] no campo", afirmou Venturelli. Além disso, explicou, o nível de ATR (Açúcar Total Recuperável), que mede a quantidade de açúcar contida na cana, que estava bom, diminuiu com as chuvas.

Ainda assim, afirmou o executivo, estimativas conservadoras para a moagem do grupo São Martinho em 2012/13 apontam para 12 milhões de toneladas de cana, 13,2% mais que em 2011/12 (10,6 milhões). Assim, a produção de açúcar da empresa poderá crescer 16,3%, para 900 mil toneladas, e a de etanol tem potencial para aumentar 24,7%, para 377 milhões de litros.

Essas projeções consideram as participações acionárias de 50,95% que o grupo São Martinho detém na Nova Fronteira Bioenergia, de Goiás, e de 32,18% na Santa Cruz - Açúcar e Álcool, de São Paulo.

A Raízen Energia, por sua vez, prevê moer entre 52 milhões e 55 milhões de toneladas de cana na nova temporada, ante as 52,3 milhões de 2011/12. A Guarani estima processar 18,3 milhões de toneladas, um aumento de 13%.

Um dos problemas é que, em termos de remuneração, os preços do açúcar estão 19% mais baixos que no pico deste ano, registrado no fim de fevereiro, e apresentam viés de baixa porque as estimativas sinalizam mais um ano de superávit global da commodity e instabilidade no cenário macroeconômico mundial.

Ao mesmo tempo, a oferta interna e os preços do etanol continuam indefinidos. A expectativa do segmento era que o governo fosse aumentar os preços da gasolina, o que elevaria o valor do teto dos preços do etanol, que para serem competitivos devem equivaler a, no máximo, 70% dos preços do combustível fóssil.

A Petrobras confirmou o aumento da gasolina, mas o governo anunciou a retirada da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) - R\$ 0,091 por litro - sobre o combustível, o que evita altas nos postos e não favorece o etanol. Agora, o segmento aguarda uma eventual elevação da mistura de etanol na gasolina

Em greve há 14 dias, usina deixa de moer 100 mil toneladas de cana. João Alberto Pedrini – Folha de São Paulo, Ribeirão. 27/06/2012

São Francisco poderia ter produzido 3 milhões de litros de etanol e 130 mil sacas de açúcar. Motoristas, operadores e tratoristas querem 48,1% de reajuste salarial e aumento do tíquete-alimentação

A greve de funcionários iniciada há 14 dias na usina São Francisco, em Sertãozinho, causa prejuízos à empresa.

A reportagem apurou com a indústria que, durante este período, deixaram de ser moídas 100 mil toneladas de cana-de-açúcar, o que significa a não produção de três milhões de litros de etanol e de 130 mil sacas de açúcar.

A paralisação foi deflagrada por motoristas, tratoristas e operadores de máquinas no último dia 13.

De acordo com José Carlos Rullo, presidente do sindicato que representa a categoria no município, a empresa fez uma proposta na semana passada, mas ela não agradou aos trabalhadores.

O impasse deve ser resolvido no TRT (Tribunal Regional do Trabalho), em Campinas. "A decisão vai para o dissídio coletivo. Não há mais negociação", disse Rullo.

Entre as reivindicações está o reajuste salarial de 48,1%, passando de R\$ 884,40 para R\$ 1.310, em jornada de oito horas diárias. Eles também pleiteiam aumento do tíquete-alimentação para o valor mensal de R\$ 300.

Na semana passada, a usina ofereceu 38% de aumento, elevando os vencimentos para R\$ 1.221. Os trabalhadores recusaram a oferta.

A empresa se comprometeu ainda a fornecer vale de R\$ 70, retroativo a três meses, para ser pago em agosto, o que também não foi aceito.

Segundo o sindicalista, cerca de 300 trabalhadores aderiram à paralisação, o que inviabiliza completamente o trabalho na usina.

ALIMENTAÇÃO

O setor da alimentação também está negociando alta salarial com as usinas de açúcar do Estado. O pleito é de 10% de reajuste, segundo Antonio Gonçalves Filho, secretário-adjunto da Fetiasp (Federação dos Trabalhadores em Indústrias de Alimentação de São Paulo).

As usinas oferecem 7% de aumento -a categoria avalia se aceita ou não a proposta. Assembleias estão sendo realizadas em vários sindicatos para analisar o percentual.

Funcionários pedem também extensão do adicional noturno até o fim da jornada e implementação de cesta básica ou tíquete para quem ainda não recebe o benefício. "Primeiro, vamos falar do aumento salarial. Depois, negociar, caso a caso, a questão do tíquete, que deve ser tratada de forma individual com cada usina", revelou.

A decisão sobre a proposta de reajuste salarial feita pelos patrões deve sair ainda nesta semana.

Setor sucroalcooleiro do Brasil avança em sustentabilidade. Vasco Dias – Folha de São Paulo, Mercado. 29/06/2012

O setor sucroenergético tem uma grande missão internacional pela frente.

Após 31 anos de protecionismo, os Estados Unidos abriram, no início do ano, as portas para o etanol brasileiro, com o fim das tarifas de importação.

Além de poder exportar o produto para o maior mercado consumidor de etanol, o Brasil tem a chance de mostrar ao mundo a importância desse combustível para o futuro sustentável do planeta.

Embora o mercado interno seja a prioridade, este é o momento de o setor se preparar para atender também à crescente demanda externa, investindo na capacidade produtiva e ainda seguindo à risca as exigências dos mercados internacionais.

Não há mais espaço para empresas que não se comprometam com boas práticas de sustentabilidade. E isso é uma realidade na produção brasileira de etanol, que já recebeu importantes certificações internacionais concedidas após rígidos critérios de apuração e que envolvem todos os aspectos da cadeia de produção.

Uma delas é a certificação Bonsucro, criada no ano passado e exigência para a entrada de açúcar e etanol à base de cana-de-açúcar nos países da União Europeia.

A primeira usina a receber a qualificação no mundo é brasileira e está localizada em Maracá (SP). Hoje, 15 unidades contam com a certificação, que é concedida a usinas que atendam ao menos 80% de 48 indicadores de sustentabilidade.

Outro importante selo conquistado pelo etanol nacional foi concedido pela Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (Environmental Protection Agency - EPA), que considera o etanol brasileiro como combustível avançado. Atualmente, 140 usinas do Brasil receberam o registro para exportar o combustível aos Estados Unidos.

Especificamente para o Estado da Califórnia, é necessária ainda a certificação Carb (California Air Resources Board), de acordo com a normatização denominada Padrão de Combustível de Baixo Carbono (Low Carbon Fuel Standard - LCFS).

Conhecida por seguir avançadas e rígidas regras ambientais, a Califórnia já habilitou 68 usinas brasileiras para o envio do etanol do Brasil ao Estado.

O Brasil, hoje, tem uma matriz energética das mais renováveis no mundo, porque também mantém em sua matriz o etanol de cana-de-açúcar.

O país segue avançando na sustentabilidade de produção, distribuição e comercialização do etanol e mostra que é possível, sim, colaborar com a melhora da matriz energética global com o seu biocombustível, tema esse ressaltado na Rio+20.

CMN aprovou crédito adicional de R\$ 14,8 bilhões. Cristiane Bonfanti e Júnia Gama – O Globo. 29/06/2012

Plantação de cana-de-açúcar no interior de São Paulo: aprovação de juros menores para investimento

O governo divulgou ontem o Plano Agrícola e Pecuário 2012/2013, que irá destinar R\$ 115,2 bilhões para a agricultura empresarial na safra deste biênio. Do total, R\$ 86,9

bilhões serão para financiar o custeio e a comercialização e R\$ 28,2 bilhões para os programas de investimento.

Já o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou alocação adicional de R\$ 14,8 bilhões para o financiamento da safra agrícola 2012/2013, a partir de 1 de julho deste ano. Os recursos são para operações de crédito rural e fazem parte de um conjunto de medidas para estimular a produção nacional de alimentos.

Outra medida prevista no plano de safra é a redução de juros para investimentos na agricultura. Segundo o ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro, as novas taxas representam uma diminuição de 18,5% nos custos dos financiamentos para o produtor rural.

- Não foram poucos os revezes, mas o Brasil manteve sua posição entre os primeiros produtores mundiais de alimentos. Este é o maior e melhor plano safra da história do país - disse o ministro.

A presidente Dilma Rousseff afirmou que o plano servirá para dar mais eficiência aos gastos do governo com o setor e que, caso necessário, mais recursos serão destinados:

- Os recursos têm que chegar ao maior número de produtores e diretamente a eles, sem nenhum desvio.

Caso os R\$ 115 bilhões não consigam chegar ao fim da safra, não haverá restrição de recursos.

Canaviais terão mais recursos, prevê Rabobank. Dow Jones Newswires – Valor Econômico. 29/06/2012

O setor sucroalcooleiro do país, abalado pelas últimas crises financeiras globais, terá capital suficiente para investir em seu crescimento, sustenta o banco de investimentos Rabobank.

A instituição de origem holandesa pondera que o acesso aos recursos será seletivo. "Os bancos têm de estar preparados para ver além dos tempos difíceis", disse Ton van Nimwegen, da divisão brasileira do Rabobank, em conferência em Londres. Ele alertou para o fato de que o segmento canavieiro continua volátil e cíclico, mas acrescentou que "no longo prazo, o Brasil pode ser muito competitivo".

O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar. Entretanto, os produtores lutam para se recuperar da queda na produção em 2011/12 e lidar com os custos de produção crescentes, o real valorizado e os problemas climáticos. Segundo van Nimwegen, as instituições bancárias estão interessadas em trabalhar com clientes que têm boa gestão de riscos, estruturas de governança e modelos sustentáveis.

O Rabobank financia companhias de açúcar e etanol no Brasil. Seus empréstimos ao segmento somam US\$ 1,8 bilhão, que representam 40% da carteira de crédito do banco no país.

Biodiesel

O falso verde. Miriam Leitão - O Globo. 10/06/2012

Em tempos de construção de imagem verde para o mundo ver, o governo tem dito que está incluindo o econômico na questão ambiental. Não é verdade. Se incluísse, determinaria às montadoras o desenvolvimento de motores mais eficientes ao usar o álcool; os bancos públicos fariam exigências de respeito às leis ambientais na concessão dos empréstimos; os impostos seriam reduzidos para produtos e energia de fato sustentáveis.

O governo prepara pacotes de estímulo ao crescimento como se não houvesse ligação entre o econômico e o ambiental. Tudo é tratado em compartimentos estanques, com uma visão fraturada da realidade. Os temas não cruzam a Esplanada dos Ministérios, com raras exceções. Há muito tempo as mudanças climáticas uniram questões que, por andarem separadas, criaram para a humanidade o problema que temos agora. Foram concedidos sucessivos benefícios às montadoras. Tantos, tão frequentes e tão extravagantes, que até o governo começou a ficar incomodado. E nos últimos dias tem ameaçado as montadoras caso elas não se comportem adequadamente. Quando lista o que pretende fazer é de arrepiar: quer controlar remessas de lucros, vigiar preços, exigir das empresas a abertura de suas contas e estrutura de custos.

Empresas de capital fechado não são obrigadas a abrir contas e estruturas de custos, se o governo fizer isso será uma violência. País de economia de mercado não pode impedir uma empresa de remeter lucros e dividendos para a matriz. Vigiar preços é uma velharia sem tamanho.

A indústria do biocombustível recebe elogios externos, como no último relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), por ser um dos pontos positivos do Brasil na transição para uma economia de baixo carbono. Nós aqui dentro sabemos que o programa está com conhecidas dificuldades. Algumas delas criadas pelo governo, que através do sistema tributário e de subsídios beneficia o combustível

fóssil, no sentido exatamente oposto ao que deveria fazer. Para corrigir essa política estranha teria que retirar os incentivos à gasolina. Isso elevaria a inflação, o que

atrapalharia os planos de derrubar mais os juros para incentivar à retomada econômica. Preso na armadilha que ele mesmo criou, o governo prepara um pacote para ajudar o etanol como forma de compensar o setor. Se os preparadores de pacotes e levantadores do PIB tivessem alguma noção dos dilemas ambientais e climáticos nos quais o mundo está mergulhado teriam unido as duas pontas e fariam um pacote de socorro às montadoras com exigências de motores mais eficientes quando rodados com etanol. Isso aumentaria a eficiência do álcool e eliminaria a desvantagem do combustível. É tecnologicamente possível, economicamente coerente e ambientalmente desejável. Por que não acontece? Porque o pensamento econômico no governo é velho. Prefere as exigências descabidas dos anos 80.

A área econômica do governo poderia aproveitar a Rio + 20 e atualizar o seu pensamento. Se o fizer, entenderá que a questão ambiental não é um apêndice, mas a lógica da política. Pode-se aumentar o crescimento econômico, a oferta de emprego e o investimento através dos incentivos à redução das emissões dos gases de efeito estufa.

Quem não entender a crise climática que o mundo vive não entenderá a economia dos próximos anos e décadas. Ao contrário de alguns slogans e expressões que são moda

passageira na vida empresarial, a exigência de "sustentabilidade" veio para ficar. A palavra tem sido mal usada e pela repetição vai perdendo a força. Mas o conceito que ela expressa permanecerá conosco.

Como a "Folha de S. Paulo" publicou na sexta-feira, o governo transferiu às empresas, em forma de subsídio ao crédito, quase R\$ 30 bilhões em três anos. No ano passado o Tesouro pagou juros em média de 12,83% e emprestou a 6%. Essa diferença é custo direto. O governo nunca divulgou o preço da diferença de taxas, mas foi obrigado agora pelo TCU. E isso é só uma parcela do subsídio dado às empresas porque não incluem as capitalizações e renúncias fiscais. Imagina se pelo menos uma parte dessa Bolsa Empresa fosse concedida com exigências de eficiência de energia e contrapartidas ambientais?

Políticas tributárias e creditícias são armas poderosas para induzir a economia em determinada direção. O governo poderia pensar em medidas como redução do IPI de placas solares e componentes; redução do custo fiscal de turbinas eólicas; incentivos aos modais de transporte, urbano e de carga, de baixo carbono; estímulo à formação de clusters da economia verde; exigência de contrapartida ambientais. Tudo isso é política industrial; mas na direção certa.

Às vésperas da Rio + 20, a área econômica avisa que vai beneficiar empresas verdes. Fez o oposto nos últimos anos: apostou em campeões nacionais sem ver a cor de suas práticas; concedeu empréstimo barato para termelétrica a carvão; subsidiou empresas que descumpriram legislação ambiental; deu estímulos para indústria de alto carbono e subsidiou o uso de combustível fóssil. O governo não deveria improvisar nesse tema. Quem entende do assunto não confunde maquiagem verde com transição para a economia de baixo carbono.

Petrobras diz que faltam bons projetos em biocombustíveis. Lucas Vetorazzo, Sabine Rigueti, Isabel Fleck e Denise Menchen – Folha de São Paulo, Cotidiano. 16/06/2012

Estatul investirá menos em energia renovável entre 2012 e 2016

A presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, afirmou ontem que a decisão de reduzir os investimentos em biocombustíveis no plano de negócios para o período 2012-2016 foi tomada porque a Petrobras Biocombustíveis (PBio), divisão da estatal voltada para este segmento, teve menos "projetos bons" em 2011 do que em 2010.

Isso foi levado em consideração na elaboração da nova projeção de investimentos.

"A Petrobras Biocombustíveis é uma empresa em formação. No ano passado não recebemos bons projetos", afirmou Foster, após realizar uma palestra em evento da ONU paralelo à Rio+20.

Durante sua fala, a presidente da estatal afirmou que a Petrobras tem orgulho de ser uma empresa de combustíveis fósseis. De acordo com ela, a operação da empresa traz desenvolvimento econômico aos 27 países no qual a empresa tem operações.

O subsídio aos biocombustíveis está entre as principais propostas defendidas amanhã pelo Marco Inicial do Rio/Clima, um dos eventos paralelos da Rio+20 que está discutindo mudanças climáticas e formas de reduzir a emissão de gases de efeito estufa.

A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, não quis comentar a decisão da Petrobras. "Eu não vi o plano de negócios, então eu não posso ter opinião", disse.

Na avaliação de Achim Steiner, diretor-executivo do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), a descoberta do pré-sal "certamente levará" a mais investimentos nessa área. "Mas a questão é se o Brasil vai manter a sua matriz econômica relativamente limpa. Acredito que uma coisa não exclui a outra", afirmou Steiner.

Etanol

Sobra crédito do BNDES para usinas. Fabiana Batista – Valor Econômico (Capa). 05/06/2012

O governo prepara um novo pacote de estímulo ao setor sucroalcooleiro, mas cinco meses depois de anunciado, um programa batizado de Prorenova, que pretende destinar R\$ 4 bilhões para o plantio de canaviais, não liberou recursos para as usinas. A previsão do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é que as primeiras liberações ocorram em junho. O banco registra pedidos em carteira de R\$ 1,08 bilhão, distribuídos em operações de 19 empresas. Desse montante, R\$ 230 milhões estão aprovados - quase tudo para o grupo Santa Terezinha, do Paraná, que terá R\$ 226,2 milhões do programa. Outros R\$ 95 milhões estão em análise e mais R\$ 210 milhões estão em consulta ou enquadrados no banco.

Sobram recursos em linha para canaviais. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/06/2012

"O programa foi lançado em janeiro, mas levou tempo para ser adequado às necessidades do setor", diz Cavalcanti

Enquanto o governo discute um novo pacote para estimular a retomada do crescimento do segmento sucroalcooleiro, medidas lançadas há cinco meses continuam inócuas. Anunciado em janeiro, o programa Prorenova, que pretende destinar este ano R\$ 4 bilhões para o plantio de canaviais, ainda não se traduziu na liberação de nenhum centavo. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) garante, porém, que isso vai acontecer a partir deste mês.

Até agora, o banco de fomento tem na carteira do programa R\$ 1,080 bilhão, distribuídos em operações de 19 empresas diferentes, a maior parte de grande e médio portes. Aprovados mesmo, são R\$ 230 milhões - quase tudo para o grupo Santa Terezinha, do Paraná, que terá R\$ 226,2 milhões. Outros R\$ 95 milhões estão em análise e mais R\$ 210 milhões estão ou em consulta ou "enquadrados" nos critérios definidos pelo banco. Há ainda R\$ 550 milhões em operações prospectadas, mas que ainda não foram protocoladas oficialmente na instituição.

A dificuldade das usinas de entregar todos os documentos ambientais exigidos está no centro do rol de motivos que explica a demora do programa em deslanchar, apesar da grande necessidade do segmento por crédito para recuperar seus canaviais - afetados por anos de baixos investimentos e sucessivos problemas climáticos.

O acesso pode estar sendo ainda mais dificultado pela cobrança de spreads elevados pelos bancos repassadores, segundo o chefe do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, Carlos Eduardo Cavalcanti. "Usinas reclamaram desse custo. Mas acredito que agora está havendo convergência desse spread, pois a demanda pelo programa aumentou significativamente em maio", disse Cavalcanti. Procurada, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) preferiu não comentar.

O presidente interino da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Antonio de Padua Rodrigues, afirmou que o custo do Prorenova sempre foi considerado elevado, desde o anúncio da linha, em janeiro. Mas a atratividade diminuiu mais na medida em que taxa Selic foi sendo reduzida. "É possível que algumas usinas, que têm condições de captar dinheiro mais barato, busquem crédito fora do Prorenova. Outras, não terão outra saída", explica Rodrigues.

A procura ainda fraca também se explica, em parte, pela restrição de acesso ao crédito por empresas controladas por capital estrangeiro, que hoje respondem por 30% da moagem de cana do Centro-Sul. "Mas essas empresas não estão deixando de investir em canaviais. Estão buscando, no entanto, outras fontes de recursos", explica Rodrigues.

A linha para renovação de canaviais sai do BNDES a um custo de 8,8% ao ano, prazo de amortização de 72 meses, sendo 18 de carência. Os bancos repassadores ainda cobram taxa de spread, que depende da negociação com o cliente. Com endividamento total de R\$ 42 bilhões - equivalente a seu Produto Interno Bruto (PIB) - o setor sucroalcooleiro teve seu risco de crédito elevado nos últimos meses. "Esses spreads mais altos podem estar refletindo esse risco", avalia Cavalcanti.

Apesar disso, ele defende que o programa é atrativo até mesmo diante das taxas atuais do mercado. Além disso, em maio algumas exigências de documentação foram flexibilizadas, mediante compromisso por parte das usinas de cumprimento progressivo das exigências ao longo do contrato.

Cavalcanti conta que o banco exigia que a propriedade que fosse objeto do recurso fosse totalmente georreferenciada. Devido à dificuldade de atendimento dessa exigência, o BNDES passou a solicitar que apenas um ponto da propriedade fosse georreferenciado para identificar se a propriedade está em área permitida pelo zoneamento agroecológico da cana.

O banco também estabelecia inicialmente que as usinas tivessem o cadastro de todos os seus fornecedores de cana para acessar o recurso. Agora, passou a permitir que esse cadastro seja construído e atualizado durante o período de duração do contrato com o banco. "Foi uma forma de o BNDES tornar o financiamento possível a partir da adoção progressiva de boas práticas ambientais pelo setor", disse Cavalcanti.

Ele acredita que, apesar dos percalços, o programa terá êxito e o banco conseguirá liberar os R\$ 4 bilhões previstos para este ano. "Se a demanda avançar, teremos mais chances de criar um novo programa para o ano que vem", afirmou.

Governo certifica usinas de cana por melhorar suas práticas trabalhistas – Valor Econômico. 12/06/2012

Cerca de 150 empresas do setor de cana-de-açúcar, cuja imagem ficou marcada nos últimos anos por denúncias de uso de trabalho escravo ou degradante, receberão na quinta-feira da presidente Dilma Rousseff um certificado de boas práticas trabalhistas. A ideia, lançada ainda durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva, será uma

oportunidade para o segmento se reaproximar do governo e costurar medidas para elevar a produção e reduzir o preço do etanol que chega às bombas de combustíveis.

A solenidade servirá também de vitrine, às vésperas da Rio+20, para Dilma reafirmar o discurso de que o Brasil é um exemplo de país que concilia crescimento econômico, inclusão social e proteção ambiental.

O selo de boas práticas trabalhistas será lançado também num momento em que o setor rural é pressionado pelo avanço da tramitação da PEC do Trabalho Escravo. Aprovada pela Câmara e enviada ao Senado, a proposta de emenda constitucional prevê a expropriação de imóveis onde for flagrada a exploração de trabalho escravo.

"É fundamental para o setor avançar na melhoria das condições de trabalho das pessoas e disseminar as melhores práticas. Não se pode defender a ilegalidade", comentou Sérgio Prado, porta-voz da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). "A maior parte do setor já vinha tratando isso com seriedade, mas sempre houve contestação por parte da comunidade internacional. É uma resposta do país, do governo e do setor produtivo de que se eliminará esse problema."

O certificado é fruto do compromisso nacional para aperfeiçoar as condições de trabalho no setor sucroalcooleiro assinado em junho de 2009, o qual foi criado pela Secretaria-Geral da Presidência após negociações entre o governo, empresas e sindicalistas. A adesão das empresas é voluntária, e o selo é concedido depois de as empresas passarem por auditorias independentes. Caso a empresa deixe de cumprir o acordo, o certificado pode ser cassado por uma comissão criada para monitorar o assunto.

O compromisso visa ainda garantir o uso de equipamentos de segurança e promover a qualificação dos trabalhadores que atuam no cultivo da cana. Esta última questão é um dos principais desafios do setor, que tem uma atividade cada vez mais mecanizada.

Como pano de fundo para a realização da cerimônia, há ainda uma tentativa de reaproximação entre o segmento e o Palácio do Planalto. As relações se desgastaram devido à queda da produção e queixas dos produtores da falta de medidas para elevar a competitividade da indústria de etanol. O governo estuda um lançar um pacote que abrange desde a redução de impostos cobrados sobre os investimentos para a ampliação da produção de álcool até a retirada de tributos que elevam o preço final do biocombustível vendido nos postos.

Açúcar e etanol 'somem' das exportações. Leandro Martins – Folha de São Paulo, Especial. 19/06/2012

Polo do setor sucroalcooleiro, Ribeirão não fatura mais com a venda dos produtos para o exterior e não tem mais usinas. Apesar disso, boom de entrada de capital estrangeiro foi mais positivo do que negativo para a cidade

Reconhecida informalmente como capital da principal região sucroalcooleira do país, Ribeirão Preto já não tem mais nenhuma usina de açúcar e etanol no município.

A última remanescente foi a Galo Bravo, que deixou de operar em maio do ano passado depois de uma história recente marcada por polêmicas e dificuldades.

O que os dados da balança comercial de Ribeirão também revelam é que os dois principais produtos que saem das usinas, o açúcar e o álcool, também já não aparecem na pauta das exportações do município.

Números do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior mostram que, em 2011, açúcar e álcool não apareceram na lista dos 40 principais produtos exportados por Ribeirão.

Cinco anos antes, em 2006, os dois produtos, somados, haviam rendido à cidade US\$ 228,5 milhões em vendas para outros países.

Mais do que o simbolismo, já que a cidade se intitula "capital do agronegócio", o fim das usinas em Ribeirão Preto e também o sumiço dos produtos da pauta de exportações estão estreitamente ligados às mudanças que o setor, de forma geral, enfrentou nos últimos anos.

O fechamento da Galo Bravo, por exemplo, foi o último capítulo de uma novela que se agravou com a crise de 2008, que levou à lona usinas com problemas financeiros.

Antes do fim, a Galo Bravo já tinha sofrido paradas na produção e até passado por uma troca turbulenta de comando, quando foi assumida pelo empresário Ricardo Mansur, das extintas redes Mappin e Mesbla.

Por outro lado, foi a mesma crise de 2008 que acelerou o processo de internacionalização do setor, com a entrada de companhias de capital estrangeiro que assumiram o controle de usinas.

Nomes como Louis Dreyfus Commodities, Bunge, Tereos e Cargill, entre outros, fortes em vários segmentos agrícolas, tornaram-se comuns também no sucroalcooleiro.

Passados quatro anos desse boom de entrada de capital estrangeiro, especialistas da área afirmam que os resultados foram mais positivos do que negativos para a economia local.

Marcos Fava Neves, docente titular de estratégia da FEA-RP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), da USP, e coordenador do Markestrat, diz que a entrada de capital se refletiu diretamente na economia local, com a injeção de dinheiro que movimentou desde a construção civil a novos negócios e empreendimentos comerciais.

O ponto negativo, segundo ele, é que a internacionalização também fechou postos de trabalho. Escritórios administrativos de empresas foram transferidos para São Paulo ou outras cidades.

ENTRA E SAI

Figura ativa no processo de internacionalização do setor, o empresário Maurilio Biagi Filho afirmou que a troca no comando de usinas não causou reflexos ruins para a economia regional. "Os empregos [nas usinas] continuaram, tudo aconteceu sem que a economia sentisse."

Em 2009, o grupo Moema, presidido por Biagi, vendeu suas seis usinas à Bunge.

Em sua avaliação, diante da situação de crise atual, com queda na oferta de cana e prejuízos, os grupos estrangeiros estão conseguindo suportar mais facilmente a situação, com capital externo.

Por outro lado, quando tudo se estabilizar, a tendência é que o lucro das usinas de capital estrangeiro siga o caminho contrário, rumo ao exterior. "É a regra do jogo."

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Etanol

Onda do etanol começa a arrefecer nos Estados Unidos. Mark Peters – Valor Economico.14/06/2012

Por anos, o maior empregador de Walhalla, cidade americana de mil habitantes na Dakota do Norte, perto da fronteira com o Canadá, foi uma usina de etanol na estrada County Road 9, que produzia o combustível a partir do milho para atender à demanda decorrente da exigência federal de adicionar o produto à gasolina.

Em abril passado, a dona da usina, a Archer Daniels Midland Co. (ADM), fechou suas instalações e atribuiu a decisão aos baixos retornos obtidos. Os 61 funcionários perderam seus empregos e Walhalla ficou sem a sua maior fonte de arrecadação tributária.

"Empregos como esse são difíceis de surgir", diz Chris Jackson, de 32 anos, prefeito de Walhalla e dono do principal bar da cidade. Os negócios minguaram tanto no Jackson's Bar como nos dois hotéis de estrada da cidade - e nos postos de gasolina, já que o tráfego de caminhões para a usina desapareceu. Segundo o prefeito, alguns moradores planejam deixar a cidade. Uma companhia local de rações estuda comprar a usina, mas, basicamente, para ter acesso a um subproduto da produção de etanol usado na alimentação de gado.

A onda de ascensão do etanol nos Estados Unidos começa a arrefecer e os reflexos desse movimento deverão se disseminar pelo "cinturão agrícola" que cresceu acostumado a uma expansão meteórica. A produção anual do biocombustível americano mais do que triplicou entre 2005 e 2011 e foi responsável por empurrar os preços para cima e despejar dinheiro em comunidades rurais em boa parte do país, de Nebraska até a Dakota do Norte.

Agora, a demanda por etanol está chegando ao seu ápice. O volume necessário para ser misturado à gasolina está próximo ao exigido pelo governo federal e o consumo de gasolina está em queda. Após 15 anos seguidos de crescimento, a produção de etanol neste ano terá ligeira queda e ficará praticamente estagnada em 2013, conforme projeções de maio da Agência de Informações sobre Energia dos EUA (EIA).

O segmento de etanol se expandiu com base na expectativa de que o consumo de gasolina permaneceria em ascensão e que a parte do etanol mesclado à gasolina também continuaria em alta. Em vez disso, projeta-se queda de 6,7% na demanda por gasolina nos EUA neste ano em comparação ao pico verificado em 2007, e os esforços para aumentar a mistura de etanol vêm sendo contestados.

As usinas americanas agora se deparam com uma situação de excesso de capacidade. Elas produzem menos de 14 bilhões de galões (52,99 bilhões de litros) e dispõem de capacidade para produzir 14,7 bilhões de galões, segundo a Associação de Combustíveis Renováveis (RFA), entidade de produtores de etanol.

"Muitas pessoas estão repensando suas suposições sobre a indústria de etanol e o potencial dela", disse o economista Jason Henderson, da unidade regional do Federal Reserve (Fed) em Kansas City. Enquanto isso, o setor agrícola como um todo continua como um ponto relativamente positivo na economia dos EUA. Os preços de algumas commodities importantes caíram em relação às máximas históricas atingidas nos últimos anos, mas as terras continuam valorizadas e o desemprego em grandes Estados agrícolas, em geral, está abaixo da média do país.

A desaceleração do segmento de etanol vem sendo surpreendente, especialmente nos limites da região do "cinturão do milho". Mais de 20 funcionários de uma usina em Sutherland, Nebraska, estão de licença depois que as instalações foram desativadas, em fevereiro. Os moradores de Levelland, Texas, que apostaram em uma usina na cidade viram o investimento evaporar: a empresa entrou com pedido de recuperação judicial em 2011 e foi vendida por US\$ 9,2 milhões em maio, uma fração do custo de sua construção há quatro anos. "Foi-se uma boa parte do dinheiro da comunidade", afirmou Richard Levy, advogado que representa os proprietários da usina no caso de recuperação judicial.

A ICM Inc., empresa de engenharia de Colwich, Kansas, que ajudou a projetar e construir cerca de cem usinas de etanol de milho nos EUA, reduziu seu quadro de 750 para 325 funcionários desde 2008, segundo o executivo-chefe Dave Vander Griend. A maior parte de suas operações agora está na América do Sul e na Europa.

A onda de expansão do etanol começou na segunda metade da década passada, alimentada pela necessidade de substituir um aditivo da gasolina - éter metil terc-butílico, usado para reduzir a poluição do ar mas que acabou contaminando águas subterrâneas - e pela exigência do governo federal de uma maior porcentagem de etanol na mistura à gasolina. A produção anual do biocombustível subiu de 3,8 bilhões de galões, em 2005, para 13,95 bilhões em 2011, segundo a EIA. O segmento emprega diretamente mais de 90 mil pessoas, conforme a RFA.

Os produtores de etanol passaram por momentos difíceis em 2008, quando o aumento nos preços do milho e a queda nos de gasolina e etanol espremeram os lucros. Algumas usinas foram fechadas e a construção de outras perdeu força. A produção, porém, seguiu crescendo.

Duas regras federais regem o uso de etanol nos EUA. Uma, criada em 2007, requer uma produção total de 15 bilhões de galões por ano até 2015, o que representa cerca de 9% mais do que o patamar atual. Ela foi baseada em projeções de que o consumo do combustível continuaria em ascensão. Mas a meta está em conflito com uma regra mais antiga, que até pouco tempo atrás limitava a mistura do etanol à gasolina a 10%. Esse limite, que está em vigor há mais de 30 anos e guiou a construção de postos e a fabricação da maioria dos carros, já foi praticamente atingido: o etanol deverá representar 9,7% da oferta de gasolina nos EUA neste ano, em comparação a menos de 5% em 2007.

A Agência de Proteção Ambiental (EPA), conseguiu aumentar há um ano e meio, com várias medidas, esse limite para 15% com uma gasolina conhecida como E15. A indústria de etanol deposita suas esperanças em uma rápida adoção da E15. "Estamos

colocando muita fé na E15", disse Walter Wendland, executivo-chefe de duas usinas de etanol de Iowa.

A adoção da E15 em grande escala, porém, enfrenta obstáculos significativos. O combustível não é vendido atualmente em nenhum posto, já que haveria necessidade de trocar as bombas de gasolina e avisar os consumidores. As indústrias automotiva e petrolífera expressaram preocupações sobre a E15 ao sustentar que o produto pode danificar carros e, assim, prejudicar os clientes.

Paralelamente, o outrora forte apoio político do segmento de etanol enfraqueceu com a alta dos preços do milho e os esforços para reduzir os gastos governamentais. Em 2011, o Congresso americano eliminou cerca de US\$ 6 bilhões em subsídios anuais e há críticos pressionando por cortes na exigência de produção de 15 bilhões de galões por ano.

Mudanças no cenário político e outros fatores poderiam melhorar as perspectivas. Uma delas seria a queda dos preços do milho, que melhoraria a rentabilidade dos produtores de etanol, que tentam se equilibrar entre os altos preços do grão e os baixos valores do combustível.

Em Walhalla, ainda há esperança de que os funcionários possam voltar à usina, mas não porque haja otimismo com o etanol. A SweetPro Feeds negocia a compra da usina com a ADM e autoridades estaduais, de acordo com o presidente da empresa de rações, Bob Thornberg. A ADM não quis comentar o assunto.

Caso o negócio avance, a usina voltaria a produzir etanol, mas principalmente porque a SweetPro tem interesse no valor do subproduto a ser usado como ração. O etanol "chegou ao seu limite neste momento", diz Thornberg. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Claudia Job Schmitt, Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor,
Jorge Romano, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf

Assistentes de Pesquisa

Catia Grisa, Karina Kato, Luiza Mariano de Lima Araujo,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

CPDA Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214

Fax: 21 2224 8577 – r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

